



CALDAS NOVAS, GOIÁS: UM CENÁRIO DE LAZER E TURISMO, MORADORES E VISITANTES

*Caldas Novas, Goiás, Brazil: a leisure and tourism, residents and visitors
scenario*

Isabel Cristina Vilela Guerra

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
isabelcvguerra@gmail.com

Jean Carlos Vieira Santos

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
jean.vieira@ueg.br

Adriana Roveri das Neves

Universidade Estadual de Goiás (UEG)
dricarov@gmail.com

Resumo

Por meio de uma pesquisa qualitativa, este artigo buscou compreender a complexidade da abordagem de um território que é turístico ao observar, explorar e descrever o município de Caldas Novas, Goiás, conforme contextos teóricos relacionados ao turismo e à urbanização. A opção metodológica adotada para a elaboração deste trabalho se baseou numa revisão bibliográfica, com o intuito de levantar e analisar informações sobre os temas abordados e constituir os pressupostos teóricos, utilizando como suporte livros, artigos, entre outros – ademais, fontes primárias foram empregadas para embasar a investigação. Entre os resultados apresentados estão a elevada taxa de urbanização no município, de acordo com os dados do IBGE; a sustentabilidade cultural não valorizada; e o desenvolvimento da atividade turística, o que traz consigo um aumento exacerbado, gerando problemas como falta de planejamento, serviços públicos inadequados, falsa sensação de progresso, crescimento a partir da forte migração de povos oriundos de diversas regiões do Brasil, miscigenação de culturas, valores e identidades, além da ausência de medidas de proteção ambiental e de controle em relação ao uso dos recursos naturais.

Palavras-chave: Negócios turísticos. Águas termais. Novos bairros. Lazer. Urbanização.

Abstract

Through a qualitative research, this article sought to understand the complexity of approaching a territory that is touristic when observing, exploring and describing the municipality of Caldas Novas, Goiás, Brazil, according to theoretical contexts related to tourism and urbanization. The methodological option adopted for the elaboration of this work was based on a bibliographical review, with the intention of collecting and analyzing information on the topics covered and constituting the theoretical presuppositions, using books, articles, among others as support – in addition, primary sources were used to substantiate the research. Among the results presented are the high rate of urbanization in the municipality, according to IBGE data; non-valued cultural

sustainability; and the development of tourism activity, which brings with it an exacerbated increase, generating problems such as lack of planning, inadequate public services, false sense of progress, growth from the strong migration of people from different regions of Brazil, miscegenation of cultures, values and identities, as well as the absence of environmental protection and control initiatives in relation to the use of natural resources.

Keywords: Tourism business. Thermal waters. New districts. Leisure. Urbanization.

Introdução

Nos primeiros séculos da urbanização brasileira, ela aconteceu concomitantemente ao desenvolvimento econômico e seguindo os ciclos, em que iniciou no Recôncavo Baiano e na Zona da Mata do Nordeste e alcançou o interior pela expansão dos Bandeirantes e a busca de metais preciosos. Na América Latina, o surgimento de núcleos urbanos – aldeias, vilas e cidades – constituiu uma forma de marcar território e instalar aparelhos políticos e econômicos necessários às estratégias de colonização.

Naturalmente, essas localidades e os desenhos urbanos foram construídos numa mescla de costumes locais e conhecimentos técnicos dos colonizadores, e pensados principalmente pela forma de organização característica da Europa. Somente a partir dos séculos XVIII e XIX, a urbanização recebeu um maior impulso, sendo necessário ainda mais um século para ela alcançar a maturidade, com algumas características reconhecidas nos tempos atuais (SANTOS, 2005).

Diante disso, Santos (2005) salienta que, com a crescente industrialização do mundo ocidental entre o final do século XIX e o início do XX, aconteceu um segundo movimento de urbanização no interior do Brasil, que avançou novamente devido às necessidades da dinâmica econômica, seguindo as estradas de ferro e a expansão dos mercados nacional e internacional. Para Limonad (2007, p. 161-162), nessa organização espacial urbana, as:

[...] relações de classe e produção, de dominação e hegemonia, não existem por si sós e sua reprodução não se dá em um mundo desterritorializado e a-espacial. Essas relações materializam-se no espaço e o estruturam no decorrer da história como litígios territoriais de caráter político ou desigualdades econômicas e sociais.

Limonad (2007, p. 161) lembra ainda que o espaço urbano e sua “[...] história não podem ser dissociados e ambos estão indissolúvelmente ligados à vida social, às condições materiais e ao desenvolvimento das forças produtivas e do meio técnico-científico”. Nesse contexto, o estado de Goiás, que havia passado por um breve processo de urbanização durante

o período do ouro, retomou o crescimento urbano ao acompanhar a expansão brasileira em muitos setores como transporte, comunicação e produção agrícola e industrial, sobretudo com o agronegócio.

Em meio a esse cenário complexo, Silva, Luiz e Vasque (2016, p. 220), sublinham que nesse “contexto de ocupação e apropriação na lógica da dinâmica global de produção o Cerrado brasileiro foi perdendo seu cheiro, sua forma, sua cor e seu sabor cedendo lugar a monoculturas, rodovias, prédios, o que deixou marcas irreparáveis no meio ambiente e na sociedade”. Desse modo, a ocupação do Cerrado:

[...] teve sequência, com uma maior intervenção na década de 30 no governo de Getúlio Vargas (1930-1945/1951-1954), com o objetivo de industrializar o Brasil iniciou o processo de transição do modelo agrário para o urbano-industrial e colocou em prática o modelo econômico nacional desenvolvimentista alicerçado em uma política populista e concentradora, sepultando definitivamente as bases políticas oligárquicas. A “Marcha para o Oeste” merece destaque, pois teve como meta prioritária estimular o avanço da ocupação territorial interligando a região centro-oeste à sudeste através de incentivo a migração, criação de colônias agrícolas (como na cidade de Ceres), abertura de estradas, entre outras ações que favoreceram o avanço à ocupação do Cerrado brasileiro. (SILVA; LUIZ; VASQUE, 2016, p. 221).

Elemento da economia que começava a obter destaque no Brasil, o turismo foi impulsionado nesse momento histórico de urbanização. Desse modo, as localidades que apresentavam algum tipo de atrativo natural ausente nas grandes cidades passaram a divulgar potencialidades, espaços de entretenimento, patrimônio e cultura com infraestrutura, além de atrair pessoas para descanso e lazer, a exemplo das cidades goianas de Caldas Novas, Rio Quente, Lagoa Santa, Goiás, Pirenópolis, Trindade e Alto Paraíso.

Nesse contexto, o município de Caldas Novas/GO, objeto deste estudo, se insere no momento de impulso da atividade turística, surgindo como uma opção de descanso e de cuidado com a saúde, devido às águas termais. Surgindo a necessidade de incorporar, às vias de circulação de turistas e moradores, no espaço urbano de Caldas Novas/GO, mas não esquecendo “[...] da vida cotidiana, que põe o acento na reprodução das relações sociais. O cotidiano se torna um nível de análise do real importante quando a reprodução social atinge inteiramente a reprodução da vida” (DAMIANI, 1999, p. 161).

Dessa maneira, o processo de apoderamento do território consubstanciou uma política de turismo e lazer que envolveu importantes grupos familiares da cidade, fragmentando o espaço entre esses sujeitos, mas de forma bem definida. Ao assumir a atividade turística como projeto, compreendem-se as maneiras de viver e os costumes dos sujeitos residentes no

espaço urbano caldasnovense de forma absoluta, por mais rigorosos que sejam os processos reprodutores envolvendo a cidade que também é turística.

No debate sobre o espaço urbano que se amplia à medida que as barreiras geográficas implodem e novas leituras surgem, autores como Costa (2010) e Carlos (1999) citam que as mudanças urbanas invadem a vida das pessoas de modo inexorável. Para o homem comum, isso significa a imposição de novos padrões de comportamento, valores e estética, o que expõe a realidade vivida de Caldas Novas/GO. Nesse sentido:

[...] não se vendem mais objetos, tijolos ou habitações, mas cidades. Isso significa dizer que o espaço torna-se mercadoria, entra no circuito da troca, e com isso espaços antes desocupados se transformam em mercadorias, entrando na esfera da comercialização (CARLOS, 1999, p. 175).

É possível afirmar que as cidades turísticas “[...] são espaços visuais, presos ao mundo das imagens que impõem a redução e o simulacro. E que reduzem a apropriação enquanto mercadoria de uso temporário definida pelo tempo de não trabalho” (CARLOS, 1999, p. 176). Vale ressaltar que o *boom* do crescimento turístico de Caldas Novas/GO ocorreu, sobretudo, a partir da década de 1970, provocando grandes mudanças no espaço urbano, fato resultante do aumento populacional derivado especialmente do principal atrativo turístico que possui: as águas termais. Por sua vez, esse processo de modernização e desenvolvimento do lazer e turismo, “engendradora como ordenamento do território” (GOMES, 2014, p. 18), demarcou em nas primeiras décadas do século XXI, uma nova reprodução econômica (capitalista) do espaço, com grupos gestores e políticos bem definidos.

Nesse período, a dinâmica do turismo, com alto nível de investimentos destinados a produzir alterações no espaço urbano, representou um impacto visível e perturbador nas cidades goianas que possuíam atrações turísticas com potencial para a exploração econômica. Em Caldas Novas/GO, o ritmo acelerado do crescimento da cidade e da população residente e não residente fez com que o espaço urbano local, assim como a região, apresentasse novos comportamentos tanto demográficos quanto culturais, além de uma nova forma de uso das paisagens naturais, especialmente do Parque Estadual da Serra de Caldas.

A identidade de Caldas Novas/GO, sua cultura e sustentabilidade foram sendo perdidas ou talvez confundidas com vários espaços miscigenados, e a memória se metamorfoseou com outros interesses exógenos, marcadamente relacionados à globalização. Nessa perspectiva, é desafiador falar de sustentabilidade, ainda mais da cultural, um dos conceitos imprescindíveis à busca pela preservação de valores estéticos, morais e espirituais

de uma sociedade, de sua compreensão do mundo e da própria vida – a cultura transmite a herança do passado e cria o patrimônio do futuro (FRANCISCO; MORIGI, [s.d.]).

Conforme a dinâmica ocorrida em Caldas Novas/GO, este artigo se apoia também na possibilidade de compreender como as imposições do desenvolvimento econômico global e o turismo reformulam conceitos do local, especialmente sua identidade, apropriando-se cada vez mais de espaços urbanos e rurais, sejam eles históricos, culturais ou religiosos. Nesse caso, a sustentabilidade cultural é discutida sob o viés de um processo em constante reflexão e que necessita de estudos localizados para ser entendido em diversas possibilidades, mas ciente de que tal trajetória conceitual não será esgotada nesta investigação.

Caminhos e procedimentos metodológicos

A presente pesquisa partirá de observações e análises da cidade de Caldas Novas/GO, que está localizada na região de Planejamento Sul do estado de Goiás (Figura 1). É conhecida como a maior estância hidrotermal do mundo, o que a leva a ser o principal polo turístico de Goiás ao explorar economicamente um recurso natural disponível no subsolo local: as águas termais.



Figura 1 – Localização de Caldas Novas/GO, 2011.

Fonte: <[http://wikitravel.org/pt/Discuss%C3%A3o:Goi%C3%A1s_\(estado\)](http://wikitravel.org/pt/Discuss%C3%A3o:Goi%C3%A1s_(estado))>.

Por meio de uma pesquisa qualitativa, busca-se compreender a complexidade da abordagem de um território que é turístico ao observar, explorar e descrever o objeto de estudo segundo contextos teóricos relacionados ao turismo e à urbanização. Portanto, a “pesquisa justifica-se dada a importância de se buscar fontes interdisciplinares de interpretação do espaço” (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2017, p. 220). Desse modo, a opção metodológica adotada para a elaboração deste trabalho se baseia numa revisão bibliográfica, com vistas a levantar e analisar informações sobre os temas abordados e constituir os pressupostos teóricos, utilizando como suporte livros, artigos, dissertações, teses, entre outros – ademais, fontes primárias foram empregadas para embasar a investigação.

O recorte espacial desse trabalho, a cidade de Caldas Novas, pertence ao estado de Goiás, ficando a 329,86 km de Brasília/DF, capital do Brasil, e a 172,81 km de Goiânia, capital do estado. Encontra-se na região Centro-Oeste, com território de 1.595,966 km² e 83.220 habitantes, segundo o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), tendo passado por fases de potencial crescimento a partir de eventos externos que envolveram o lugar: a chegada da estrada de ferro à região Sul de Goiás (início do século XX) e as construções de Goiânia (década de 1930) e Brasília (anos 1960).

Caldas Novas/GO, turismo e urbanização

A mercantilização da atividade turística e dos eventos de lazer, além do recente desenvolvimento do turismo religioso no Santuário de Nossa Senhora da Salette foram, sem dúvidas, os grandes agentes de mudança no espaço urbano de Caldas Novas/GO, originando surgimento de novos bairros. O turismo e seus negócios impuseram, nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, uma pujante transformação da cidade que é turística, o que fomentou um vultoso progresso econômico e, ao mesmo tempo, uma relação complexa entre residentes e turistas, mas sem grandes conflitos perceptíveis.

Ainda nesse contexto teórico de análise, Carlos (1999, p. 178) salienta que o espaço produzido serve cada vez mais às necessidades de acumulação; por conseguinte, as relações de produção “[...] que engendram as atividades de repartição e consumo realizam-se sob a égide da liberdade, igualdade, do reproduzível, do repetitivo, anulando as diferenças no espaço e no tempo, destruindo a natureza e o tempo social”.

No entanto, é importante sublinhar que, na história de Goiás, mas não especificamente na de Caldas Novas, os caminhos também apresentaram uma forma sinuosa e difícil de ser trilhada em sua urbanização e crescimento. Somente a partir de 1930 que o estado se incorporou ao mercado capitalista, ao ampliar sua fronteira agrícola, mecanizar a agricultura, acelerar os níveis de produção e exportação e dinamizar o setor industrial e comercial, como cita Chaul (2015). Tal crescimento econômico trouxe consigo graves problemas sociais. Segundo Geiger (1996, p. 238):

Espaço, propriamente dito, como o espaço urbano, corresponde a um nível mais elevado da produção social. Na medida em que as características deste espaço produzido têm a ver com as estruturas econômicas, sociais, culturais, políticas, elas passaram a ser o centro de atenções de autores.

Ao considerar as potencialidades da região de Caldas Novas/GO, os cenários remoto e vigente evidenciam os resultados de um desenvolvimento que ocorreu de maneira desigual. De acordo com as informações do IBGE (2010), a taxa de urbanização do município, de 1970 a 2010, cresceu espantosamente frente ao avanço do turismo, algo motivado pela migração de grupos oriundos de diversas partes do país, particularmente do Nordeste, inserindo em núcleo urbano um território com forte identidade dessa região, denominado pelos moradores como “bairro dos nordestinos”.

Com a chegada de pessoas de todas as regiões do Brasil, o crescimento desordenado trouxe problemas de moradia, energia, calçamento, esgoto, água encanada etc. Tais complicações aumentaram a busca pela periferia da cidade, região que não é turística, fazendo com que o município crescesse sem nenhum planejamento ou plano de desenvolvimento, além de agravar as problemáticas sociais e ambientais que ocorreram nesse transcurso – a Figura 2 e a Tabela 1 ilustram essas informações:

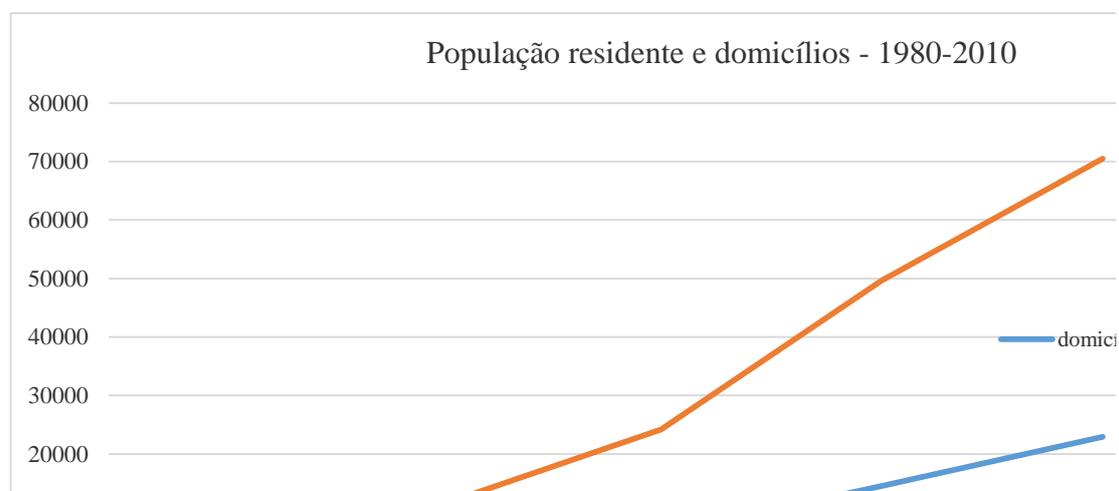


Figura 2 – Caldas Novas – Goiás: população residente e domicílios de 1980 a 2010.

Fonte: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=520450>>.

Tabela 1 – Caldas Novas/GO: índice de migração de outras localidades

Ano	Maior % (origem)	Pessoas por ano
1980	Brasília e São Paulo	120
1985	Brasília, São Paulo e Uberlândia	285
1990	Brasília, Nordeste (Bahia, Paraíba e Piauí)	1.320
1995	Nordeste (Maranhão)	2.136
2000	Nordeste (Maranhão)	4.356
2005	Nordeste (Maranhão e Bahia) e Brasília	5.975
2007	Nordeste (Maranhão e Bahia) e Brasília	6.532

Fonte: Santos e Chaves (2009).

O turismo em Caldas Novas/GO é densamente urbano, e suas relações, antigas e complicadas. Vale ressaltar que a urbanização cria o turismo que, por sua vez, estimula-a, sendo primordial para impulsionar o desenvolvimento urbano, porém, este traz consigo problemas que se tornam relevantes no decorrer dos anos para uma cidade, realidade encontrada no objeto de estudo.

Carlos (1999, p. 178) diz que essa ideia se origina da abordagem dos espaços urbanos turísticos e de lazer “[...] produzidos a partir de estratégias da reprodução, num determinado momento da história do capitalismo e que se estende cada vez mais ao espaço global”, criando novos setores de atividades. Ademais, o referido autor assevera que o turismo representa a conquista de uma importante parcela do espaço urbano “[...] que se transforma em mercadoria

(e que entra no circuito da troca)” (ibidem, p. 179), tornando-se um novo (e rentável) ramo da atividade produtiva sob essa determinação.

Segundo Oliveira (2006) a promoção do turismo cria uma segregação funcional do espaço, mostrando que, por vezes, isso reflete na segregação social. O autor pondera que alguns pontos da cidade, como bairros inteiros, certas ruas ou quarteirões, são designados pelo setor público como possíveis atrativos econômicos e turísticos, motivo pelo qual os investimentos supervalorizam esses locais, o que dificulta o acesso de grande parcela da população com renda mais baixa, expulsa-a para os bairros afastados e provoca a degradação do patrimônio natural e cultural.

Em se tratando dos alicerces para elaborar a noção de desenvolvimento sustentável, a Agenda 21 Brasileira – bases para discussão (2000) menciona que esse conceito ganhou diversas dimensões e incorporou outros aspectos das relações sociais e dos indivíduos com a natureza. Esse documento faz alusão à sustentabilidade cultural que, nesse caso, se relaciona “[...] com a capacidade de manter a diversidade de culturas, valores e práticas no planeta, no país e/ou numa região, que compõem ao longo do tempo e identidade dos povos” (AGENDA 21..., 2000, p. 46).

O referido documento indica que, provavelmente, o maior desafio na construção da sustentabilidade no Brasil é reduzir as desigualdades sociais, considerando as disposições destas em termos locais e/ou regionais (AGENDA 21..., 2000). Compreender que qualquer mudança local ou regional implica em modificação no modo de vida, tanto no plano pessoal como no social, além de haver transformações nos hábitos de consumo e produção, demonstra um processo a ser construído desde a discussão dos problemas que podem afetar a população até o comprometimento da sociedade com essa reflexão.

A economia e o desenvolvimento econômico se inserem na cultura de um país/região, e falar em cultura é considerá-la uma característica de todos os povos humanos, que envolve não apenas os aspectos econômicos, mas também os políticos, sociais e religiosos, além dos costumes. Cumpre salientar que a cultura diz respeito a características, criatividade e diversidade de expressões de um povo, estabelecendo a integração dos elementos que compõem a sociedade.

O Relatório para o Desenvolvimento Humano elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU, 2004), com o tema “Liberdade cultural num mundo diversificado”, afirma que, para o mundo atingir os objetivos de desenvolvimento do milênio e erradique a pobreza, é

necessário triunfar com êxito no desafio de construir sociedades culturalmente diversificadas e inclusivas – essa é a meta do município em questão. Tal documento ainda alega que a aceitação de etnicidades, religiões, línguas e valores diversos forma um aspecto incontornável da perspectiva política do século XXI:

Na prática há duas formas de exclusão cultural: a primeira é a exclusão pelo modo de vida, que nega o reconhecimento e a aceitação de um estilo de vida que um grupo acolheria e que insiste em que cada um deve viver exatamente como todas as outras pessoas da sociedade. A segunda é a exclusão da participação, quando as pessoas são discriminadas ou ficam em desvantagem nas oportunidades sociais, políticas, econômicas por causa de sua identidade cultural (ONU, 2004, p. 6).

Em Caldas Novas/GO, as duas formas de exclusão apontadas no documento ainda persistem pelo fato de não haver planejamento e o foco estar exclusivamente no âmbito do turismo globalizado. Tradições locais como as festas religiosas, a alimentação e os costumes vêm sendo substituídas por eventos comerciais; a boa manutenção da malha urbana privilegia os locais que recebem turistas, em se tratando de conforto e segurança; e os edifícios destinados à acomodação dos visitantes destoam claramente das outras construções, em particular as dos bairros de periferia.

Pensar a sustentabilidade cultural é imprescindível na preservação da identidade dos locais turísticos, e refletir sobre a urbanização, uma vez que esta altera os modos de viver da sociedade, se refere a uma forma de despertar a consciência cultural e ambiental. Desse modo, consegue-se manter vivas as manifestações culturais locais e diminuir o consumo de produtos causadores de impactos ambientais.

A atual realidade de Caldas Novas/GO é composta por elementos da cultura local que têm desaparecido ou se metamorfoseado, os quais advêm da migração de grande número de pessoas de outros locais do Brasil e de aspectos da cultura globalizada com impacto midiático. Isso faz com que o local seja um bom exemplo da interação entre fatores culturais diversos, promovida pela urbanização e pelas atividades turísticas.

Sem planejamento e políticas públicas que visem à sustentabilidade cultural e ambiental, há a tendência de sobrepôr os aspectos globais da cultura e da exploração do espaço urbano em relação aos demais elementos que também o constituem e foram fundamentais para a composição da localidade. Nessa perspectiva, o cenário aponta, então, para novas abordagens e reflexões sobre o espaço, território e paisagens, de escolhas intencionalmente assumidas, mostrando que:

Em meio a um mundo complexo, onde as transformações ocorrem com muita rapidez, entender o espaço agora exige métodos multidisciplinares. Os velhos paradigmas agora precisam mudar com novas formas do conhecimento, referenciais filosóficos e fontes de leitura da sociedade e da natureza. (OLIVEIRA; GONÇALVES, 2017, p. 222).

Todavia, ao refletir sobre o visitante, pode-se pensar que o sujeito que se interessa pela arte e cultura de qualquer município ou espaço urbano é também um ser de cultura, pois o que sabe fazer e as motivações para isso são aprendidos a partir do que o rodeia – a cultura assim adquirida é feita de elementos díspares, às vezes contraditórios (CLAVAL, 2008). Logo, a cidade turística de Caldas Novas/GO possui um relevante patrimônio cultural, talvez uma arte popular tradicional que também é contemporânea, mas que ainda carece de estudos e de estratégias que viabilize seu apoderamento no circuito turístico.

Ao considerar a cultura em um contexto turístico, seja ela simples ou complexa, haverá sempre a presença de um vasto aparato material, pois, juntamente com o surgimento da cultura popular, nasceram:

[...] as tradições, a fim de que ajudassem o homem a transmitir os saberes construídos historicamente. Tais tradições buscavam ainda preservar a história particular de uma família, de uma geração, de uma região e de um país. Desta forma, o homem também inventou as tradições, utilizando a história como amálgama para a interação e coesão social entre eles (ZUIN; ZUIN, 2009, p. 80).

Para os autores supracitados, o conceito de tradição está intimamente ligado à história de uma cultura. Por fim, com base em Almeida (2013) e Santos e Silva (2016), pode-se dizer que a feira do luar, o artesanato, a gastronomia e outros atrativos de Caldas Novas/GO são bens culturais, pois concernem a produtos de concepção humana, dotados de um valor singular qualquer, seja por constituírem uma obra de arte ou por representarem um testemunho, registro ou documento da história dos homens do lugar. São, pois, bens culturais diversos e únicos que representam o saber fazer de uma rica paisagem e que compõem o patrimônio cultural regional e local.

Considerações finais

A atividade turística pode abarcar um aumento exacerbado para determinada cidade e gerar problemas como falta de planejamento, serviços públicos inadequados, falsa sensação de progresso, crescimento a partir da forte migração de povos oriundos de diversos locais, miscigenação de culturas, valores e identidades, ausência de medidas de proteção ambiental e

de controle em relação ao uso dos recursos naturais. Nesses termos, as águas termais em Caldas Novas/GO resultaram em um crescimento frenético, atraindo mais indivíduos à procura de melhor colocação no mercado e qualidade de vida. Isso causou também mudanças provocadas pela gradativa ação humana, o que conseqüentemente modificou o meio ambiente e o espaço urbano.

Em face dos problemas relativos à exploração indevida da natureza e ao impacto regional como o vivido em Caldas Novas/GO, a busca pela aplicação do desenvolvimento sustentável se expandiu de maneira progressiva. Ao valorizar a preservação do meio ambiente e da diversidade cultural, a mudança da cultura globalizada passou a ser um objetivo das ações promovidas em âmbito internacional, tornando-se um tema amplamente conhecido e debatido como desenvolvimento social e humano.

A sustentabilidade cultural visa à alteração dos modos de viver da sociedade, englobando também um equilíbrio na busca pelo desenvolvimento que atenda às necessidades do presente sem comprometer a existência do futuro, além de despertar a consciência ambiental. Para tal, a educação consciente do cuidado ao meio ambiente, do patrimônio cultural tangível e intangível, do reconhecimento e respeito às multiculturas requer mudanças plausíveis de hábitos de consumo e exploração para, dessa forma, encontrar o tão desejado desenvolvimento sustentável.

Referências

AGENDA 21 Brasileira: bases para discussão. Brasília: MMA/PNUD, 2000. 196 p. Disponível em:

<https://edisdisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8457/mod_resource/content/1/bases_discussao_agenda21.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

ALMEIDA, M. G. de. Cultura, paisagem e patrimônio cultural: reflexões desde o Brasil Central. **Espaço e Geografia**, v. 16, n. 2, p. 417-440, 2013.

CARLOS, A. F. A. O consumo do espaço. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

CHAUL, N. F. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. 4. ed. Goiânia: Editora da UFG, 2015.

CLAVAL, P. Geografia e dimensão espacial: a importância dos processos na superfície da terra. In: ALMEIDA, M. G. de; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. (Orgs.). **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Vieira, 2008.

COSTA, E. B. **A concretude do fenômeno turismo e as cidades patrimônio mercadoria:** uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2010.

DAMIANI, A. L. O lugar e a produção do cotidiano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto, 1999.

FRANCISCO, J. B.; MORIGI, V. J. **Desafio da sustentabilidade cultural:** o Museu e suas práticas. [s.d.]. Disponível em: <https://www.academia.edu/12428772/Desafio_da_sustentabilidade_cultural_o_museu_e_suas_pr%C3%A1ticas>. Acesso em: 19 abr. 2017.

GEIGER, P. P. Desterritorialização e espacialização. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território** – globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, 1996.

GOMES, G. C. Modernização técnica e planejamento regional: reflexões sobre a “geopolítica econômica do Cerrado” os sentidos de sua regionalização no ordenamento territorial brasileiro. In: MARQUES, L. M. **Geografias do Cerrado:** sociedade, espaço e tempo no Brasil Central. Uberlândia: Edibrás, 2014. P. 15-30.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?codmun=520450>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

LIMONAD, E. Urbanização e organização do espaço na era dos fluxos. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. **Territórios, territórios** – ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

OLIVEIRA, F. M. de. **Espaço, lugar, identidade e urbanização:** conceitos geográficos na abordagem do turismo. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/MPBB-6VRH3N/flavia_moura_de_oliveira.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 maio 2017.

OLIVEIRA, V.; GONÇALVES, R. J. A. F. Diálogos entre geografia e literatura regional: os garimpos e a formação espacial de Iporá (GO) e seu entorno. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais** V.6, N.2, p.218-234, Ago./Dez., 2017.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Relatório sobre o desenvolvimento humano:** liberdade cultural num mundo diversificado. Tradução de José Freitas e Silva. Lisboa, 2004. Disponível em: <http://hdr.undp.org/em/media/hdr04_po_chapter_2.pdf>. Acesso em: 25 maio 2017.

SANTOS, F. de O.; CHAVES, M. R. Evolução urbana, especulação imobiliária e fragilidade ambiental em Caldas Novas (GO). **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 32, [n.p.], dez. 2009. Disponível em: <<http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html>>. Acesso em: 17 fev. 2017.

SANTOS, J. C.; SILVA, J. A. Arte popular criativa e turismo cultural na cidade de Loulé (Algarve/Portugal). **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 2, p. 212-232, maio/ago. 2016.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2005.

SILVA, K. V.; LUIZ, C. G.; VASQUES, H. S. Implicações da apropriação do cerrado a partir do crescimento da cidade de Goiânia-GO. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais – UEG/Campus Iporá, Goiás**. v.5, n.2, p. 218-242, Ago./Dez., 2016.

ZUIN, P. B.; ZUIN, F. S. **Tradição e alimentação**. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.

Sobre as autoras e o autor

Isabel Cristina Vilela Guerra

Graduação em Bacharel em Administração pela Escola Superior de Ciências Contábeis e Administrativas de Ituiutaba (1998), tendo como Pós Graduação em Gestão de Pessoas e Formação Sócio Econômica do Brasil. Professora da Universidade Estadual de Goiás. Atua principalmente nos seguintes temas: Ferramentas da Gestão, atendimento, cultura organizacional e Administração de Serviços. Mestre em Ambiente e sociedade pela Universidade Estadual de Goiás, UEG - Câmpus Morrinhos, participando desde agosto de 2015 como integrante do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Sustentável - GP-DES / UEG - Câmpus Caldas Novas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9025862543887454>

Jean Carlos Vieira Santos

Pós-doutorado em Turismo pela Faculdade de Economia da Universidade do Algarve/Portugal (2014-2015); Doutor pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (2010); Estágio Doutorado PDEE/Capes na Universidade do Algarve / Portugal (2008/2009); Mestre pelo Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (2004); Especialista em Geografia pela Faculdade de Educação São Luiz/SP (2001); e Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia (1994). É membro da Associação de Defesa do Patrimônio Cultural e Ambiental do Algarve em Portugal (ALMARGEM). Atualmente, é Professor e pesquisador em Regime de Tempo Integral de Dedicação à Docência e à Pesquisa na Universidade Estadual de Goiás - UEG, no Programa de Mestrado Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (PPG-TECCER/Anápolis) e nos cursos de graduação do Câmpus de Caldas Novas. Foi Bolsista de Incentivo ao Pesquisador (PROBIP) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Estadual de Goiás (PrP|UEG). Conta com artigos disponibilizados em periódicos e anais de Congressos realizados no Brasil e Exterior. Possui experiência na área, com ênfase nos seguintes temas: Geografia do Turismo; Olarias e Artesanato Popular em Destinos Turísticos; Estratégias Territoriais e Espaciais do Lazer, Turismo, Hotelaria e Gastronomia em Cidades Turísticas do Cerrado.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7542926208646393>

Adriana Roveri das Neves

Possui graduação em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (1996). Atualmente é professor titular do Governo do Estado de Goiás. Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Administração de Empresas, atuando principalmente nos seguintes temas: Administração, Planejamento Estratégico, Estratégias Competitivas, Gestão da Qualidade e Produtividade e Atendimento Hoteleiro. Mestre no Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Ambiente e Sociedade na Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Morrinhos, com ênfase em Sustentabilidade e preservação de Patrimônio Histórico Gastronômico, sendo bolsista da FAPEG. Participante do Grupo de Pesquisa em Desenvolvimento Sustentável da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Caldas Novas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1971082628386557>

Artigo Recebido em Outubro de 2018.
Artigo aceito para publicação em Dezembro de 2018.